

## DOSSIÊ TEMÁTICO

### “É reconfortante ler minha dor escrita por outras mãos”:

Uma etnografia de tela do fórum virtual de Glória Anzaldúa na primeira edição do  
Curso EAD Pensamento Lésbico Contemporâneo<sup>1</sup>

Igor Leonardo de Santana Torres<sup>2</sup>

Felipe Bruno Martins Fernandes<sup>3</sup>

**Resumo:** O Grupo de Estudos Feministas em Política e Educação (GIRA) organizou, em 2017, uma formação semanal a distância, com duração de 05 meses, intitulada “Pensamento Lésbico Contemporâneo”. O curso propôs estudar 25 autoras lésbicas de diferentes partes do mundo. Neste artigo, analisaremos a recepção de Gloria Anzaldúa pelas cursistas a partir de suas publicações no fórum de discussão da autora no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) Moodle da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

**Palavras-chave:** Gloria Anzaldúa; Pensamento Lésbico Contemporâneo; Interseccionalidade. Formação; Educação a Distância.

### “It is comforting to read my pain written by other hands”:

A screen ethnography of the virtual forum of Glória Anzaldúa in the first edition of the  
E-Learning Course Lesbian Contemporary Thinking

**Abstract:** The Feminist Center on Politics and Education (GIRA) organized, in 2017, a weekly e-learning course, lasting 05 months, entitled “Contemporary Lesbian Thought”. The course proposed to study 25 lesbian authors from different parts of the world. In this article, we will analyze the reception of Gloria Anzaldúa by the course participants from their publications in the discussion forum of the author in the Virtual Learning Environment (AVA) Moodle of the Federal University of Bahia (UFBA).

**Keywords:** Gloria Anzaldúa; Contemporary Lesbian Thought; Intersectionality; E-Learning.

<sup>1</sup> Este texto foi escrito no contexto de um intercâmbio internacional com a Université du Québec à Montréal (UQÀM) - bolsas CAPES e ELAP - sob a supervisão da Profa. Dra. Line Chamberland, na *Chaire de Recherche sur l’Homophobie*. Foi apresentado no Colóquio *Gloria Anzaldúa : traduire les frontières* (Paris, maio de 2019). Agradecemos as organizadoras do colóquio, Paola Bachetta e Jules Falquet, pela organização do evento, particularmente através da *Transnational United Front Against Fascism*, e também Miriam Grossi e Caterina Rea, por acolherem o paper em seu grupo de trabalho.

<sup>2</sup> Estudante do Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade (BEGD/ UFBA) e pesquisador do GIRA – Grupo de Estudos Feministas em Política e Educação.

<sup>3</sup> Professor do Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade (BEGD/ UFBA). Coordenador do GIRA – Grupo de Estudos Feministas em Política e Educação.



## Introdução

Apresentamos, através de uma etnografia de tela<sup>4</sup>, o resultado de nossa análise de um fórum no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) Moodle da Universidade Federal da Bahia (UFBA), no qual de 118 cursistas lésbicas estudaram o pensamento da autora chicana Gloria Evangelina Anzaldúa. Tratou-se do curso Pensamento Lésbico Contemporâneo, oferecido na modalidade a distância pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) no ano de 2017 para acadêmicas, ativistas e interessadas no tema de todo o território brasileiro. O curso propôs o estudo da obra de 25 autoras lésbicas de diferentes filiações teóricas e regiões do mundo. Dentre estas, Gloria Anzaldúa, através do texto “La conciencia de la *mestiza*/Rumo a uma nova consciência” (Revista Estudos Feministas, Brasil, 2005).

O curso *Pensamento Lésbico Contemporâneo* surgiu do diagnóstico junto ao movimento lésbico baiano de que poucas autoras lésbicas eram lidas e conhecidas. Conceitos centrais do pensamento lésbico como invisibilidade lésbica, *continuum* lésbico, heterossexualidade compulsória e outros não eram estudados, não se traduziam em ferramentas políticas para o movimento e tampouco eram conhecidas quaisquer autoras desse pensamento. Com vistas à difusão do pensamento lésbico tanto para acadêmicas atuando nos Estudos de Gênero e Sexualidades como para ativistas do movimento LGBT, organizamos o curso através da construção de um AVA que explorou diferentes ferramentas pedagógicas como as videoaulas, o texto em formato PDF, o *Podcast*, o *chat* e os fóruns de discussão.

Nascida no Vale do Rio Grande, Sul do Texas, Anzaldúa (1942-2004) denotou-se pela expressão de sua lesbianidade, destacando-se como uma das primeiras estadunidenses de ascendência mexicana a viver sua sexualidade abertamente, tendo proposto, com seus escritos, reelaborações identitárias chicanas, lésbicas e queer e na “[...] elaboração fundacional de uma poética e política do hibridismo cultural.” (COSTA, 2004, p. 14). Reconhecida internacionalmente pela publicação de *Borderlands/ La*

---

<sup>4</sup> “A etnografia de tela [...] é uma metodologia que transporta para o estudo do texto da mídia procedimentos próprios da pesquisa antropológica, como a longa imersão do pesquisador no campo (no caso, em frente a televisão), a observação sistemática e o seu registro metódico em caderno de campo, etc; [...]” (RIAL, 2004, p. 30-31). Ver também ALENCAR, 2015.



*Frontera: The New Mestiza* (1987), essa chicana recebeu inúmeros prêmios, como o *American Book*, *Lamda Lesbian Small Book Press*, *Lesbian Rights* etc. (COSTA, 2004).

Para este artigo, tomamos o fórum intitulado “O Pensamento de Gloria Anzaldúa” e sistematizamos todas as reflexões e discussões presentes nele. A partir disso elencamos três eixos analíticos para compreendermos a recepção do pensamento da autora nas teorias e políticas lésbicas no Brasil contemporâneo: 1) A importância da discussão coletiva; 2) A *Mestiza* e suas aproximações com a interseccionalidade; e 3) Escrita poética e engajada.

### **A importância da discussão coletiva**

A forma pela qual o fórum de discussão foi pensado teve por objetivo o debate coletivo como dimensão fundamental no processo de ensino e aprendizagem, incluindo a discussão e construção de políticas entre as lésbicas que participaram do curso. Mais do que fornecer acesso ao pensamento de teóricas lésbicas, o curso a distância visava as trocas e os intercâmbios entre as participantes, de maneira a não só criar um ambiente de fortalecimento teórico, com vistas à apreensão do campo conceitual articulado pelas autoras, mas principalmente político, através de possíveis criações de redes que pudessem se estabelecer mesmo após o fim do curso e fora do ambiente virtual. Assim, um primeiro ponto relevante a ser assinalado é o de que o pensamento de Gloria Anzaldúa foi visto como possuindo essa potência para estimular que mais lésbicas se tornem autoras e produzam teorias engajadas com a luta contra a lesbofobia e outras discriminações:

*Acho interessante que o texto de Anzaldúa é um estímulo para que nós mulheres lésbicas e mestiças não sejamos apenas objeto de pesquisa e que possamos escrever nossas próprias teorias, falando de um lugar diferente do hegemônico e escrevendo sobre nossas opressões, que são particulares. (Mulher cisgênero, lésbica, raça não declarada, 31 anos, ativista).*

Gloria Anzaldúa desestabilizou e deslocou certezas das participantes do curso, gerou incômodos e promoveu transposições do seu próprio pensamento entre as dezenas de lésbicas que leram, comentaram e, certamente, compartilharam seus textos nos seus círculos pessoais, acadêmicos e políticos, mas sobretudo o fizeram como uma extensão de si mesmas, ou seja, se apropriaram do texto de Gloria Anzaldúa como se fosse uma interpretação de suas próprias vidas:



*Confesso que, pelo menos eu em particular, não consegui ler o texto apenas como um objeto de estudo, pois muitas vezes me senti parte dele, ainda que com demandas nomeadas diferentemente. (Homem transgênero, heterossexual, negro, 23 anos, estudante e ativista).*

Essa recepção decorre do posicionamento social da autora, uma vez que se trata de uma alguém que congrega em si determinados pertencimentos sociais compartilhados com as participantes do curso, como o fato de ser uma mulher racializada e lésbica (maioria das participantes do curso). Possuindo esses lugares sociais partilhados com as estudantes que se debruçaram sobre seu pensamento, produziu uma espécie de pertencimento e sentido histórico e político para as participantes do curso. Portanto, o suposto "não-lugar" da opressão (raça e sexualidade, por exemplo) passou a ser visto pelas cursistas como um território a ser habitado, o que promoveu, conforme veremos na fala a seguir, aproximações e identificações:

*Anzaldúa, em sua viagem pelas fronteiras, faz com que nos sintamos em casa, partilhando este "não lugar" ou quem sabe um "de todo lugar". Ao revisitar suas memórias e reflexões, pensava sobre o quanto me reconhecia naquele lugar da fronteira. Talvez não pela localidade específica da qual ela fala, mas ao me perceber conflitante com os variados discursos que me produziram e que me convocam cotidianamente. Falo aqui especificamente da convocatória à heterossexualidade e sobre como, ao me afirmar sapatão, por vezes rompo com estas interpelações, por vezes a reproduzo, por vezes a modifico. (Mulher cisgênero, lésbica, branca, 27 anos, estudante e ativista).*

Foram nessas aproximações produzidas pelo “não-lugar” de raça e sexualidade de Glória Anzaldúa que as participantes interpretaram um chamado coletivo à discussão das lesbianidades. A noção de *fronteira* em seu sentido subjetivo, aqui percebido como um lugar comum, se tornou território de pertencimento. Essas experiências fora de lugar, no “não lugar”, fronteiriças, passaram a ser vistas pelas participantes como uma possibilidade de existência. Essas experiências que congregam uma série de complexidades antes vistas como particulares, dentre elas a raça e a sexualidade, passaram a ser vistas como uma experiência compartilhada. O que antes era uma "dor individual", passou a ser entendido como uma opressão partilhada por um grupo. A percepção das participantes, através do pensamento de Anzaldúa, de suas posições como um grupo, permitiu o que algumas chamaram de “*uma sensação de remédio, conforto*”, de um não lugar coletivo em que puderam ver e compartilhar



suas experiências e angústias. Como veremos, a dor passou a ser entendida como um sentimento de contato e aproximação no processo de “*cura coletiva*”:

*É reconfortante ler minha dor escrita por outras mãos, obrigada Gloria Anzaldúa, e obrigada por terem incluído esse texto no curso. (Mulher cisgênero, lésbica, negra, 20 anos, estudante e ativista).*

Se tomarmos o pensamento fronteiro de Gloria Anzaldúa como um pensamento de “todo o lugar”, como sugeriu uma jovem participante, seria ainda mais evidente pressupor o trânsito teórico-epistemológico inerente às teorias, ou seja, a circulação de teorias e conceitos é permeada por determinados contextos e, no caso brasileiro, por processos antropofágicos que permitem pensar as nossas próprias realidades a partir de contribuições situadas em outros contextos, sem impor a adequação de quadros empíricos distintos num modelo teórico fechado, mas o contrário, atendendo as demandas e especificidades locais. Isso faz com que, no Brasil, como veremos, a teoria de Gloria Anzaldúa seja lida e interpretada pelas lentes locais e muitas vezes seu contexto próprio de produção seja ignorado em detrimento de sua potência para as teorias e lutas daqui:

*Como temos vivido no Brasil um intenso movimento de xenofobia em relação a imigrantes de outros países da América Latina, fiquei pensando que também precisamos nos colocar no papel do opressor em relação às reflexões trazidas pela autora. Assim como nós latinos somos subalternizados em relação aos estadunidenses, por exemplo, também existe uma hierarquia de opressões em nosso país, que passa não apenas por nossa relação com os estrangeiros, mas também internamente à nossa própria população, como na relação que a população do sul e sudeste estabelece com as pessoas do norte e nordeste. Assim, penso que, por exemplo, a uma mulher negra lésbica pode se colocar um eixo adicional de opressão caso ela seja nordestina. (Não binário, gay, branco, 30 anos, estudante).*

Além dessas discussões de espectro mais estruturais, ligados à ideia de nação (imigração, origem, etc.), há uma outra projeção que se fez nos níveis micro das relações de poder entre raça, gênero e sexualidade. Essa projeção foi invocada na interpretação da obra de Anzaldúa, principalmente a partir do conceito de *Mestiza*. O diálogo intersubjetivo, entre o que as participantes entendiam como sendo a subjetividade de Gloria Anzaldúa e suas próprias subjetividades, operou em diferentes linhas e eixos de contato. Essa operação intersubjetiva, como analisamos, depende do contexto de recepção da obra e dos posicionamentos das leituras em diferentes esquemas das relações de poder:

*Este artigo eu já o tinha lido há muito tempo, mas quando eu revisei me chegou de outro jeito. Eu sou de um país andino com uma população indígena predominante (porém não aparecem nas cifras oficiais), mas se consegue visualizar no cotidiano*



*nossa herança de Abya Yala muito marcada. Agora na mudança para o Brasil, eu consigo visualizar melhor meus entrecruzamentos mestiços: com um pé andino, uma minoria negra e o constante conflito branco-urbano predominante. (Mulher cisgênero, lésbica, autóctone, 30 anos, estudante e ativista).*

Não podemos presumir, no entanto, que esses contatos dar-se-ão em dimensões intra-raciais tão somente. Se acima lemos uma fala de uma lésbica indígena, que migrou ao Brasil para estudar, abaixo leremos uma fala de uma lésbica branca de camadas médias. Sabemos que Gloria Anzaldúa rejeitou o binarismo enquanto forma de organização da vida em seus níveis ontológico, emocional, social e político, e que a autora vê no diálogo e no convencimento uma forma válida e menos fixa de luta política. Assim, para a autora, seria mais aceitável que a comunicação ocorra entre sujeitas de diferentes “lugares sociais”, justamente aqueles entre os quais precisamos fazer mais aliadas para que nossas vozes, histórias e demandas sejam escutadas, como apontou a fala abaixo:

*Eu comecei a pensar que eu enquanto mulher branca, já tenho definida uma construção identitária não questionada por todo privilégio que nós brancos historicamente tomamos, mas romper com esse pensamento colonizador ainda é uma tarefa muito difícil. Comecei a imaginar então quanto difícil é para alguém "atravessado" por diversas culturas e realidades conseguir compreender suas origens, sua história e sua própria identidade. O texto de Gloria Anzaldúa se faz muito importante para compreendermos melhor esses debates. (Mulher cisgênero, lésbica, branca, 21 anos, estudante e ativista).*

Ao fim deste tópico sobre a importância de Gloria Anzaldúa para a discussão política no presente, compreendemos, por meio das interações e comentários das participantes no fórum de discussão, como esta autora lésbica chicana incorporou e mostrou na prática, a partir do que analisamos, como uma *consciência mestiza* estimula as trocas entre sujeitos subalternos e de "lugares sociais" diferentes, induzindo todas e todos ao questionamento, que deveria ser o espaço por excelência da encruzilhada que, ligando múltiplos caminhos, aponta não apenas para uma opção, mas se constitui como o ponto de reflexão ao qual nos deparamos quando nos pensamos perdidas. Como apontou uma das participantes,

*Precisamos refletir mais e construir mais juntas, se branca, preta, chicana, não importa, precisamos estar e pensar juntas. (Mulher cisgênero, lésbica, negra, 48 anos, estudante).*

Passamos agora a analisar a recepção do conceito de *Mestiza* em Gloria Anzaldúa por parte das participantes do curso. Esse foi o conceito, como compreendemos, que mais impactou as cursistas.



### **A Mestiza e suas aproximações com a interseccionalidade**

Os debates sobre a interseccionalidade ganharam centralidade no Brasil com as discussões de feministas negras nas universidades brasileiras, tributárias de estudos e teorias de autoras e ativistas negras estadunidenses que contribuíram sobremaneira na constituição do conceito como ele se nos apresenta hoje. Ao propor uma genealogia das primeiras contribuições ao debate sobre a dinâmica das opressões simultâneas, podemos referenciar Sojourner Truth como a primeira ou a mais conhecida a questionar as intersecções entre classe, raça e gênero em seu discurso *Ain't I a woman?*, ao descrever a diferença de tratamento entre as mulheres brancas e negras.

Dentro do que se tem discutido sobre o conceito, o *Combahee River Collective*, ao propor a ideia de “imbricação” teria chegado mais perto de oferecer um conceito que conseguisse descrever e nomear uma relação complexa e necessária que fosse visível para melhor entender e combater as desigualdades às quais mulheres negras lésbicas estavam expostas (FALQUET, 2012; REA, 2018). A interseccionalidade, pelo nome que a conhecemos, seguida de um esquema explicativo mais organizado, por sua vez, foi trabalhada e estruturada por Kimberlé Crenshaw no campo do Direito e se popularizou por meio dessa autora.

Esse caminho do conceito nos serve para mostrar que, muito embora a palavra tenha surgido em fins da década de 1980, a reflexão sobre essa relação entre poderes e posições sociais data de muito antes e advém de um amplo campo de reflexão de mulheres de cor. Gloria Anzaldúa, segundo as participantes do curso, teria se inserido nesse espectro de contribuintes ao debate das múltiplas opressões e, como mostraremos, foram inevitáveis as inúmeras associações do seu pensamento com o conceito de interseccionalidade:

*Trata sem explicitamente falar da interseccionalidade, inclusive na perspectiva das masculinidades, ao chamar os homens de seu povo, os homens chicanos, os homens "de cor" à atenção sobre a solidariedade racial - reconhecendo que a violência que praticam contra as mulheres muitas vezes é o que lhes sobra de exercício de masculinidade (invenção dos anglos e europeus, ao menos essa) num mundo que também muito lhes oprime. Mas os convoca a romper com essa visão, esses comportamentos, em palavras e ação, para que se unam. (Mulher cisgênero, bissexual, branca, 26 anos, estudante).*



A *Mestiza* se torna, portanto, um “lugar de ação”, propositivo e produtivo, como uma espécie de “substância existencial interseccionalizada”, onde as múltiplas posições das sujeitas se imbricam na produção de situações singulares e coletivas, tornando esse “lugar de ação” o principal vetor de resistência às opressões. A interpretação das participantes do conceito de *Mestiza* possibilita a compreensão da constituição da resistência a partir de diferentes dinâmicas de exclusão social baseadas na imbricação entre múltiplos marcadores sociais de gênero, raça, classe e sexualidade. Glória Anzaldúa, na visão das participantes do curso, transforma o lugar de exclusão em um ponto de criação e produção, seja de uma nova consciência ou, mesmo, de novas subjetividades:

*A mestiça une culturas, liga os opostos e propõe uma interseccionalidade.* (Mulher cisgênero, lésbica, branca, 24 anos, formada).

*Reconhecer que temos uma existência totalmente interseccionada nos orienta a pensar a partir das fronteiras, das dobras, das encruzilhadas.* (Mulher cisgênero, lésbica, parda, 47 anos, formada e ativista).

*A consciência mestiça da qual a autora fala me parece quase uma entidade da interseccionalidade.* (Mulher cisgênero, lésbica, raça não declarada, 29 anos, estudante e ativista).

Na interpretação das participantes do curso, ao passo que a interseccionalidade nomeia uma relação de entrecruzamento de opressões, a *Mestiza* seria um conceito eficaz para nomear e oferecer um lugar aos corpos que estão no eixo desse cruzamento de poderes, oferecendo uma alternativa de resistência coletiva a partir de si mesmas:

*A categoria mestiça, como grafado em espanhol, é muito potente para pensar a questão dos entrecruzamentos, as interseccionalidades e sobredeterminações entre categorias identitárias acerca de como gênero, raça e classe podem se entrecruzar ao mobilizar reconhecimentos fronteiriços ao se dizer e afirmar como estando em entrelugares.* (Homem cisgênero, gay, pardo, 52 anos, professor e ativista).

Esse cursista, incluído no curso pela sua atuação na educação básica, indica que os caminhos que a interseccionalidade está seguindo no debate contemporâneo está mais ligado ao combate às opressões estruturais e à forma como elas se manifestam sobre os corpos assujeitados do que a forma pela qual esses corpos podem repensar a si mesmos nessa relação de desigualdade na qual estão inseridos. A grande tarefa talvez seja pensar como os marcos conceituais que planejam dar conta de operações macro de poder podem responder às demandas subjetivas que são igualmente importantes e





fundamentos primários de uma concreta e múltipla resistência (BACCHETTA, 2009), como apontaram algumas participantes:

*Gostei também do jogo de palavras que a autora trás para nos fazer repensar a luta diária da mestiza consigo mesma para compreender suas origens. (Mulher cisgênero, lésbica, branca, 21 anos, estudante e ativista).*

*O texto de Anzaldúa fez-me pensar sobre a mestiza. Quem é, que lugar ocupa na sociedade americana e como tenta reinventar-se a partir do reconhecimento de si mesma, através da uma nova consciência. (Mulher cisgênero, sexualidade não declarada, branca, 43 anos, estudante).*

O conceito de *Mestiza*, nesse sentido atribuído pelas participantes do curso, nos oferece essa possibilidade de articulação e discussão. O conceito seria o caminho para uma imbricação entre a interseccionalidade e sua preocupação com as matrizes estruturais de dominação (raça, classe, sexualidade e gênero) e os sujeitos que são atravessados e se constituem em meio a essas matrizes. Essa compreensão, portanto, está inscrita nas ponderações das participantes que, não obstante citem a todo o momento as semelhanças do que propõe Anzaldúa com a interseccionalidade, ao mesmo tempo fazem uma construção teórica de diferenciação entre os dois conceitos, sublinhando a utilidade específica do primeiro.

### **Escrita poética e engajada**

Outro ponto bastante discutido no fórum de discussão sobre o pensamento de Gloria Anzaldúa inseriu-se no que podemos observar como uma *afetividade da escrita de fronteira*, característica trazida nos relatos e contribuições das participantes que assinalaram, dentre outras coisas, terem se apaixonado pela escrita *Mestiza*, a qual seria para algumas *única e magnífica*. A força do pensamento fronteiriço e da escrita em línguas de Gloria Anzaldúa residiria exatamente, como pode ser visto nos comentários, na sua possibilidade de afetar e aproximar subjetivamente as suas leitoras de seu pensamento:

*Concordo que o que mais encanta na escrita dela é que ela fala com o coração, com suas experiências, sem deixar de ter uma escrita acadêmica. (Mulher cisgênero, lésbica, raça não declarada, 31 anos, formada e ativista).*

Há ainda, nas falas das participantes do curso, uma necessidade patente e busca de uma teoria encarnada e próxima, na qual a autora não mais mostre distanciamento com o seu objeto de estudo, mas que o texto diga tanto mais de quem escreve quanto sobre quem está escrevendo. Nesse sentido, as



lésbicas brasileiras, acadêmicas e ativistas, parecem defender não o apagamento da escritora ou uma suposta neutralidade da ciência, mas, ao contrário, a sua percepção a partir de seu texto. O lugar da autora deve estar cada vez mais evidente:

*Gloria Anzaldúa escreve também em meio a esse misto de teoria com ativismo e, em suas escritas conseguimos perceber a emoção dela perante a resistência. (Mulher transgênero, lésbica, negra, 28 anos, estudante e ativista).*

Sua ruptura com uma forma de escrita vista como *eurocêntrica* e *academicista* sugere um deslocamento do discurso abstrato para o discurso prático, uma inflexão performática e estilística que marca uma passagem da *reação para a ação* como o propõe a autora. Esse movimento de incorporação discursiva na sua forma de fazer ciência aparece, segundo relatos das participantes, como algo que atribuiria uma maior legitimidade aos seus escritos e argumentos e que para algumas causaria um agradável desconforto primário que seria próprio ao contato com o texto e mesmo com os objetivos de uma perspectiva decolonial:

*Me encanta muitíssimo também a forma de sua escrita, acho que Anzaldúa aplica no próprio fazer escrita o que ela chama de consciência mestiça, misturar idiomas, transitar de uma construção acadêmica para relatos de memórias e vivências pessoais é um giro no fazer pesquisa/teoria, é de algum modo habitar fronteiras. Há no texto o próprio esforço de agir e não apenas reagir como ela propõe. (Mulher cisgênero, lésbica, branca, 33 anos, formada).*

Algumas poucas cursistas interpretaram em Gloria Anzaldúa uma forma romantizada de escrever, na qual os afetos, emoções e sensibilidades que uma escrita de fronteira consegue suscitar denotariam uma “nova forma” de fazer ciência. A obra de Gloria Anzaldúa transitará entre dois campos conceituais que hoje andam cada vez mais imbricados: ciência e arte. Essa dupla pertença permitiria a construção de outras referências ou formas de se produzir conhecimento na contemporaneidade:

*Tem uma cantora, Ana Tijoux, que tem uma música que me lembra o pensamento da Gloria. Ela inclusive canta em espanhol e é franco-chilena, se não me engano, a música chama Antipatriarca. (Mulher cisgênero, lésbica, branca, 33 anos, estudante).*

Essa dupla adesão às ciências humanas e às artes, seria uma novidade da obra de Gloria Anzaldúa, sustentada pelas noções de fronteira e *Mestiza*. Fronteiriça como a *Mestiza*, também seriam fronteiros os seus textos, segundo as participantes que veem neles outras marcas, texturas, misturas e caminhos de expressão, produção artístico-científica, algo que em si expressaria um potencial de



agentividade grafado em cada página pelas palavras nelas escritas e responderia aos sentimentos de *leveza e cordialidade* que ele exterioriza em sua obra:

*É muito diferente dos textos que estamos acostumadas. Ela tem uma escrita única! Que mescla poesia com debates super complexos. E em alguns desses assuntos, a arte se faz uma boa forma de entender. Eu achei também ela muito didática. Só confirmando ao que ela também prega durante o texto. De nos fazermos ouvir; o que sentimos, o que vivemos e o que queremos.* (Mulher cisgênero, lésbica, negra, 21 anos, estudante e ativista).

Não obstante essa criação de vínculos e aproximações intersubjetivas entre escritora e leitoras, como vimos acima, a aceitação do seu pensamento não apresenta unanimidade entre todas as participantes, causando até mesmo indignação na miríade de sentimentos invocados na sua leitura. A mediação e diálogo entre diferentes posições sociais (entre negras e brancas, por exemplo) como estratégia de enfrentamento defendida pela autora ora acredita-se *lúcida*, ora recebe a pecha de *utópica* e *piadosa*, sendo criticada enquanto um suposto retorno a essencialismos e até mesmo negada. O diálogo, ou melhor, a conciliação, deveria então ser um processo intragrupos como mecanismo de fortalecimento, sempre vigilantes aos opressores, como aponta uma das cursistas:

*Como tapar uma ferida, se ainda somos cutucados só por falarmos? Detestei essa visão de validação de uma nova realidade a partir da conciliação com todos aqueles que oprimem. Se precisamos de "novos" movimentos como afirma, temos que concordar com uma maior integração interna antes de abirmos o campo para colocar de novo no centro do poder os eternos reis e rainhas da opressão.* (Homem cisgênero, gay, negro, 32 anos, formado).

Apesar das críticas a um suposto *romantismo*, à *visão conciliadora* do pensamento de Anzaldúa ou até mesmo a *simplicidade* do seu conceito de *Mestiza*, há quem defenda o pensamento da autora segundo uma espécie de *auto e heterocuidado* que ela demonstraria ao tratar de temas considerados emocional e psicologicamente difíceis de serem discutidos:

*Embora vi aqui em alguns comentários que Anzaldúa romantiza demais suas evidências sociais e que, de algum modo, acharam suas ideias ou conceitos muito utópicos, achei que a forma que ela se expressou, de maneira mais leve, diminui consideravelmente o peso que temos que carregar em sermos conceituados na nossa sociedade.* (Mulher cisgênero, lésbica, negra, 29 anos, ativista).

Assim, a forma pela qual falamos de nós e de nossas experiências deve ser acompanhada de um *cuidado*. A escrita, enquanto discurso, constrói afetos e todas devemos, na visão das participantes do



curso, estar atentas aos sentimentos que mobilizamos nas nossas leitoras e interlocutoras, pois essa é uma de nossas responsabilidades éticas na escritura de nossos textos.

### Conclusões

Neste texto, buscamos analisar alguns traços do pensamento de Gloria Anzaldúa dentre acadêmicas e ativistas lésbicas de todas as regiões do Brasil. Não buscamos com isso quaisquer coerências entre o pensamento "concreto" da autora e suas interpretações, pelo contrário, buscamos analisar a recepção de sua obra em um pequeno curso a distância sobre o pensamento lésbico contemporâneo, no qual as reflexões de Gloria Anzaldúa foram refletidas juntamente com o pensamento de muitas outras autoras, como Adrienne Rich, Audre Lorde, Cherrie Moraga, Cheryl Clarke, Dorotea Gómez Grijalva, Fatima El-Tayeb, Gayle Rubin, Gloria Anzaldúa, Jasbir Puar, Judith Butler, Jules Falquet, Maria Luiza Heilborn, Miriam Pillar Grossi, Monique Wittig, Ochy Curiel, Paola Bachetta, Sam Bourcier, Sokari Ekine, Tania Navarro Swain, Tanya Saunders e Yuderkis Spinoza Miñoso.

Partimos da ideia de que Gloria Anzaldúa foi uma das autoras lésbicas de cor mais importantes do século XX. Junto com outras autoras como Cheryl Clarke, Audre Lorde, Cherie Moraga, transformou e vem subsidiando a práxis e o pensamento feminista e lésbico desde o final dos anos 1970. Hoje seus escritos ainda carregam a atualidade e a capacidade de comunicação e diálogos intersubjetivos com muitas leitoras que se debruçam sobre o pensamento lésbico, como foi possível observar nos relatos sobre o seu fórum de discussão no Pensamento Lésbico Contemporâneo. Isso só reforça a pertinência de se traduzir e possibilitar o acesso de lésbicas brasileiras às epistemologias que dialoguem efetivamente com suas realidades fronteiriças, como o faz Gloria Anzaldúa.

Na proposta da *Mestiza* não há vazio conceitual justamente por sua pragmaticidade. Alguns dos temas que foram matéria de discussão aqui pelas interpretações das participantes do curso podem ser igualmente encontrados em literatura sobre o trabalho de Gloria Anzaldúa, incluindo aqueles que o marcam dentro de uma linha de pensamento decolonial. Mas a excepcionalidade do debate como ele está posto, neste texto, situa-se na forma pela qual ele pode se constituir: debates entre lésbicas ativistas,



acadêmicas e estudantes sobre o pensamento de uma chicana num curso sobre pensamento lésbico contemporâneo. Elas puderam e chegaram a indagações e conclusões que mudaram nossa forma de ler e entender Gloria Anzaldúa e suas teorizações, dando à obra da autora uma cara “mais brasileira”.

### Referências

- ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La Frontera: The New Mestiza**. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.
- ANZALDÚA, Gloria. La conciencia de la mestiza: rumbo a uma nova consciência. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 704-719, Dec. 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2005000300015&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2005000300015&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 12 maio 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2005000300015>.
- BACCHETTA, Paola. Co-Formações/ Co-Produções: considerações sobre Poder, Sujeitos Subalternos, Movimentos Sociais e Resistência. In: TORNUIST, Carmen Susana et al. (Org). **Leituras de Resistência. Corpo, Violência e Poder**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2009. p. 49-74.
- FALQUET, Jules. Romper o tabu da heterossexualidade: contribuições da lesbianidade como movimento social e teoria política. **Cadernos de Crítica Feminista**, Recife, v. 01, n. 05, p.08-31, dez. 2012. Disponível em: <<https://julesfalquet.files.wordpress.com/2010/05/art-port-romper-o-tabu-da-heterossexualidade.pdf>>. Acesso em: 12 maio 2019.
- MONTEIRO, Anne Alencar; SILVA, Shirlei Santos de Jesus. Apresentação: Manifestações de Gênero e Raça nas Eleições 2014. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, Salvador, v. 1, n. 1, 2015, p. 264-266.
- REA, Caterina. Pensamento lésbico e formação da Crítica Queer of Color. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, Salvador, v. 04, n. 02, p.117-133, abr. 2018. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/26201/16057>>. Acesso em: 12 maio 2018.
- RIAL, Carmen. Antropologia e mídia: breve panorama das teorias de comunicação. **Antropologia em Primeira Mão**, Florianópolis, v.9, n. 74, 2004, p.4-74.

Recebido em: 20/12/2019

Aceito em: 10/01/2020